

Vinculações dos Ticuna com a cidade: entre a busca de acesso a melhores condições de vida e a vontade de experimentar a diferença¹

Mariana Paladino

Pesquisadora Pós-doutor Laboratório de Pesquisas
em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento
Museu Nacional - UFRJ

Resumo

Nesta apresentação pretendo analisar alguns dos papéis, relações e situações que vinculam os Ticuna com as cidades da região do Alto rio Solimões. Em uma primeira parte, apresentarei um breve quadro histórico e socioeconômico geral desses centros urbanos, para em uma segunda parte, tomando como foco a cidade de Benjamim Constant, desenvolver uma etnografia dos contextos de interação e relações estabelecidas pela população Ticuna nesse espaço

Palavras-chave:

Ticuna – cidade – identidade étnica

Apresentação

Neste trabalho, descreverei as relações que os Ticuna, localizados na região do Alto Solimões, no Brasil, estabelecem com a cidade, as múltiplas e diversas percepções e práticas vinculadas a esse espaço. A partir disso, procurarei mostrar que a forma de vida atual e a reprodução do parentesco dessa etnia dependem amplamente do contato freqüente com os centros urbanos.

É importante destacar que o processo de aldeamento dos Ticuna ocorreu simultaneamente à urbanização da região. Esta – entendida como a implementação de uma série de serviços tidos como característicos de um modo “urbano” (educação escolar, saúde, luz elétrica, mercado) – foi impulsionada pelo Exército e pela Igreja Católica. Também o auge da exploração da borracha e o comércio de madeiras, a partir de finais do século XIX, promoveram a chegada de migrantes não-indígenas, sobretudo do nordeste do Brasil, como constata Oliveira Filho (1988, p.62), e o surgimento de novas vilas que funcionaram como centros comerciais.

Os Ticuna, que sofreram diversos processos de territorialização² desde a chegada e expansão de militares e religiosos espanhóis e portugueses no século XVII, respondendo de

¹“Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”.

formas diferentes a estas empreitadas, vieram transformada sua organização social especialmente com a consolidação da empresa seringalista. Até inícios do século XX, o padrão de moradia consistia da agregação de várias famílias de um mesmo clã morando numa maloca, mantendo o controle de certo território, e estabelecendo com outros clãs relações de troca, casamento, rituais e de guerra (Oliveira Filho, 1988, p.116-117).

Com a definitiva instalação de limites estabelecida entre os Estados de Peru, Colômbia e Brasil (1938), os Ticuna encontraram-se divididos entre três fronteiras. Atualmente, no Brasil e no Peru estão agregados em aldeias, algumas delas com mais de 2.000 pessoas, enquanto na Colômbia estão repartidos em “resguardos” mais reduzidos. Apesar da grande diversidade entre as aldeias ticuna, no tamanho populacional, na aquisição de serviços como luz elétrica, no acesso à tecnologia ocidental, na monetarização da economia e no padrão de consumo, nos valores e ideologias que dominam entre seus habitantes, nas diferenças internas e processos crescentes de hierarquia social, todas mantêm relações – mais ou menos intensas – com a cidade.³

Por sua vez os centros urbanos da região dependem amplamente da produção ticuna para a obtenção de certos produtos básicos da dieta alimentícia amazônica. Deste modo, a concepção da aldeia como um espaço fechado com nenhum ou escasso relacionamento com a cidade – a *sociedade folk* caracterizada por Redfield (1947) – não se sustenta no caso dos Ticuna. Existe uma diversidade de vinculações que dependem tanto de condições físicas e ambientais (distância das aldeias dos centros urbanos, maior ou menor facilidade de acesso segundo as estações e as características dos rios), quanto das histórias de contato e formação particulares

² Abordo o conceito de territorialização, segundo a proposta de Oliveira Filho (1998): a atribuição a uma sociedade de uma base territorial fixa se constitui em um ponto-chave para a apreensão das mudanças por que ela passa, isso afetando profundamente o funcionamento das suas instituições e a significação de suas manifestações culturais. Nesse sentido, a noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: 1. a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2. a constituição de mecanismos políticos especializados; 3. a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4. a reelaboração da cultura e da relação com o passado (p.54-55)... A noção de territorialização tem a mesma função heurística que a de situação colonial trabalhada por Balandier (1951), reelaborada por Cardoso de Oliveira (1964), pelos africanistas franceses e, mais recentemente, por Stocking Jr. (1991), da qual descende e é caudatária em termos teóricos. É uma intervenção da esfera política que associa, de forma prescritiva e insofismável, um conjunto de indivíduos e grupos a limites geográficos bem determinados. É esse ato político constituidor de objetos étnicos através de mecanismos arbitrários e de arbitragem (no sentido de exteriores à população considerada e resultante das relações de força entre os diferentes grupos que integram o Estado) (p.56).

³ Segundo as aldeias, algumas têm conseguido – seja pela Prefeitura e pelo apoio de alguns políticos, seja pela assistência da Prelazia do Alto Solimões, ou ainda pela própria organização da comunidade na arrecadação de fundos – comprar um gerador elétrico para ter luz pelos menos durante algumas horas durante o dia. Isto tem incentivado a compra de eletrodomésticos (televisor, equipamento de som e geladeira, principalmente), que são utilizados nesses horários. Segundo me foi assinalado por várias pessoas, também nas grandes aldeias acentua-se cada vez mais um dos traços da forma de vida urbana, que é a existência de certo anonimato e das relações impessoais entre os seus habitantes. O contato com pessoas de outros grupos de parentesco e que não compartilham certa vizinhança é cada vez menos frequente.

a cada aldeia, que determinam, em grande parte, as necessidades e os valores atuais existentes na população Ticuna e os vínculos estabelecidos com os centros urbanos..

Segundo classificação do IBGE, existem sete populações na região do Alto Solimões com hierarquia de cidade: Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamim Constant, Santo Antonio de Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins. Elas são centros administrativos e comerciais, sedes dos municípios que levam o mesmo nome.⁴ As povoações restantes são na maioria comunidades indígenas (povos Ticuna/Cocama/Cambeba) ou ribeirinhas.⁵

A seguir, registra-se a população urbana e a população rural dos municípios do Alto Solimões considerados. Cabe aclarar que neste censo (IBGE, 2000), a população indígena e a não-indígena não foram diferenciadas.

Quadro N° 1. Censo demográfico do ano 2000

Municípios	População urbana	Rural	Total	Área	Ano de criação do município
Amaturá	3930	3378	7308	4.780,1 k	1955
Benjamim Constant	14171	9048	23219	8.926km²	1898
Santo Antônio de Içá	7906	20307	28213	12.308km²	1955
S. Paulo de Olivença	8770	14343	23113	19.746km²	1884
Tabatinga	26637	11282	37919	3.239,3km²	1983
Tonantins	4362	11150	15512	6.461,3	1955
Est. do Amazonas	2.107.222	705.335	2.812.557		1889

Fonte: IBGE – 2000.

Oliveira Filho (1988, p.17), na década de 1980, já notava que a população rural, constituída predominantemente por Ticuna, era muito significativa na época se comparada com a urbana, destacando o fato de que estes dados falariam contra as suposições sobre a pequena relevância da população indígena no total da população brasileira. Dos números apresentados no quadro, vemos que isto continua. Erthal estimava, com base nos dados da Fundação Nacional de Saúde -Amazonas (1996), que a relação entre a população indígena e a população rural nos três maiores municípios do Alto Solimões (Tabatinga, Benjamin

⁴ De acordo com os critérios de definição da categoria “urbano”, feitos pelo IBGE, todas as sedes de distrito ou de municípios são consideradas urbanas, não importando o tamanho populacional. Alguns autores teriam como critério definidor um tamanho mínimo para as aglomerações humanas, o que poderia reduzir bastante a taxa de urbanização da Amazônia considerada como um todo. Segundo Becker, no entanto, esses critérios de tamanho não levam em conta as condições da fronteira, as grandes distâncias entre os aglomerados e o fato de que pequenos núcleos em termos populacionais “podem exercer funções urbanas importantes no nível local, polarizando centenas de milhares de quilômetros quadrados” (Becker, 1990, p.525).

⁵ Com exceção do município de Atalaia do Norte, onde se localizam outros grupos indígenas, em todos os demais municípios da região existem aldeias ticuna.

Constant, São Paulo de Olivença) era de 68% no primeiro, de 53% no segundo e de 71% no terceiro” (Erthal, 1998, p.138).

A seguir, apresentarei algumas das motivações e situações que orientam o deslocamento e contínuo fluxo dos Ticuna para a cidade, os papéis que desempenham nesse espaço, para em uma segunda parte, dar conta das diferentes percepções e formas de estar na cidade por parte dos Ticuna, contudo argumentando que apesar dessa diversidade, não existe uma perda da identidade étnica e se compartilha o interesse pelo bem-estar do grupo de parentesco.

1. Vínculos dos Ticuna com as cidades do Alto Solimões

Atualmente os Ticuna vinculam-se à cidade principalmente em busca de acesso aos benefícios sociais, ao comércio, à saúde, à educação escolar, e ao lazer.

1.1. A cidade como espaço de acesso a benefícios sociais

Os Ticuna deslocam-se para a cidade em busca de diversos serviços, benefícios sociais e pedidos que envolvem órgãos públicos, como a FUNAI, o INSS, as prefeituras, os bancos, os cartórios e os correios, sendo a Administração Regional da FUNAI em Tabatinga, as agências do INSS, as secretarias de educação e as secretarias de assuntos indígenas – nos municípios onde existem – as repartições mais freqüentadas por eles.

Há agências do INSS apenas na cidade de Benjamim Constant e Tabatinga. Nelas, sempre é possível observar desde a madrugada uma fila grande – na sua maioria composta de população indígena – esperando ser atendida. Os Ticuna usufruem desse serviço amplamente: para solicitar aposentadorias rurais, salários-maternidade e pensões por incapacidade física. No caso da população indígena, esses benefícios são controlados pela FUNAI que outorga certidão correspondente. As pessoas também se dirigem à Administração Regional sediada em Tabatinga para a aquisição dos documentos necessários.⁶

Na cidade de Tabatinga, os aposentados recebem no banco Bradesco e no Banco do Brasil e em Benjamim Constant e São Paulo de Olivença, somente no Bradesco. Nas outras cidades – como não existem agências de nenhum banco – os funcionários públicos e os aposentados recebem seus salários na agência de correio. No período de pagamento, as

⁶ Garcés constata que em muitos casos houve um retorno de idosos ticuna de origem brasileira que, por diferentes motivos, foram viver na Colômbia e no Peru para receberem a aposentadoria rural, mas também se apresentam casos em que Ticuna, especificamente de origem peruana, chegam ao Brasil à procura desse benefício outorgado pelo governo (2000, p.265-266). Os funcionários da FUNAI em Tabatinga confirmaram para esta autora a afluência de indígenas procedentes do Peru solicitando a aposentadoria, o que se tornava um foco de conflito.

cidades ficam cheias de população Ticuna. Os portos vêm-se lotados de canoas e barcos, nos quais se desloca grande parte da família do beneficiado. Dificilmente se verão as pessoas sozinhas fazendo um trâmite ou recebendo pagamento; o resto do grupo familiar os acompanha.⁷ Depois do pagamento, a família faz compras e como os membros separam-se para realizar distintas coisas, é possível ver parte da família no porto esperando horas até todo o grupo reunir-se e voltar para a aldeia. Alguns permanecem uma noite na cidade, em geral os que demoraram em seus trâmites e vivem em aldeias afastadas.

Na cidade de Benjamim Constant, a Prefeitura disponibilizou uma casa flutuante para a população indígena em trânsito, onde podem atracar suas embarcações e dormir em alguns dos quartos que possui a casa. Em São Paulo de Olivença, a Prefeitura doou, a partir da reivindicação dos vereadores Ticuna da Câmara, duas casas flutuantes para alojar a população Ticuna que se encontra temporariamente nessa cidade resolvendo diversos assuntos. Como essas casas ficam cheias nos dias de receber a aposentadoria, famílias inteiras dormem nas suas próprias embarcações, localizadas no porto da cidade, na balsa da Prefeitura ou ainda na mesma rua, protegendo-se do vento ou da chuva sob alguns tetos de lojas. Os que têm maior ganho econômico, como os professores, geralmente se alojam em um hotel da cidade.

A Administração Regional da FUNAI, além de ser freqüentada pela população Ticuna por causa da necessidade de acesso a benefícios sociais anteriormente mencionados, atende também a capitães ou líderes de grupos locais que recorrem a ela, às vezes à procura de reivindicações gerais e que envolvem toda a comunidade: conflito de terras, invasão de madeireiros ou pescadores. Também ali vão os que solicitam favores pessoais. Configura-se a Administração em um espaço de litígio entre facções e grupos de poder e parentesco que lutam por se apropriar dos favores das autoridades e dos recursos que estas possuem. Este é certamente também um ponto de referência para se encontrar com conhecidos, trocar informações, descansar e proteger-se do forte sol da tarde até empreender a volta às comunidades.

Sobretudo os capitães das aldeias visitam as repartições da Prefeitura na busca de solução para uma diversidade de pedidos. Se bem que não exista uma política especial para os indígenas por parte desses municípios, estes privilegiam com certas obras algumas aldeias com as quais tecem, através das suas lideranças, relações de aliança política. Essas obras consistem em construção de escolas, instalação de motor de luz, construção de sede para as

⁷ Na pesquisa “Indicadores Sociais Municipais”, do IBGE, destaca-se o grande impacto que teve a aposentadoria rural, instituída na Constituição de 1988, nos municípios menores. Em todas as cidades do Brasil, qualquer que seja o seu tamanho, quase um terço dos idosos sustenta suas famílias: 27,3% dos brasileiros com mais de 60 anos de idade têm a responsabilidade de arcar com mais de 90% do rendimento familiar. Quanto menor a cidade, maior a importância da renda e do trabalho dos idosos para as famílias (O Globo, Seção Economia, p.21, 30-12-2006).

reuniões comunitárias ou para alguma organização ticuna, doação de materiais e ferramentas agrícolas etc. Nesse sentido, as duas Secretarias Municipais de Assuntos Indígenas que existem no Solimões – nos municípios de Tabatinga e de Benjamim Constant – dizem muito mais a respeito de relações construídas entre algumas lideranças ticuna com os políticos da região do que sobre um planejamento objetivo destes em termos de políticas indigenistas.

As SEMEDs são visitadas pelos capitães e professores que lá vão em busca de informações ou que demandam pedidos e reclamações, e também por parte de alguns pais de família que solicitam bolsa-escola ou material didático para os filhos. Em determinados períodos do mês, observam-se filas para isso.

1.2. A cidade como centro de comércio

Depois do apogeu da borracha, a influência econômica dos antigos seringalistas fez-se sentir pelas mãos de seus descendentes que controlaram o comércio, concentrado em três firmas que constituíam o centro de decisão política regional (Cardoso de Oliveira, 1964, p.40). Porém, como indica Cardoso de Oliveira (id, p.40-41), a esse mercado não se submetiam inteiramente os índios do Solimões, já que na época – anos 1950 e 1960 – estes já freqüentavam e procuravam os mercados de Letícia, na Colômbia, e Ramón Castillo, no Peru (além de algumas casas de comércio peruanas construídas sobre flutuantes em frente a Benjamim Constant). Para este autor, a grande maioria da população fronteiriça achava-se vinculada ao “contrabando doméstico” com fins de se prover de produtos manufaturados ausentes ou extraordinariamente caros em Benjamim Constant.

Nas décadas seguintes, 70 a 90, o forte da economia nos dois principais municípios do Alto Solimões, Benjamim Constant e Tabatinga, foi o comércio de madeira e de drogas, ambas atividades ilegais (Almeida, 2000, p.233). Em ambos os negócios, os Ticuna participaram em casos isolados. Segundo vários informantes, ainda hoje são procurados por traficantes para o transporte fluvial da droga, tanto pelo fato de serem bons conhecedores dos atalhos e dos caminhos alternativos para a principal via de navegação, que é o rio Solimões, quanto pelo fato de não serem tão controlados pela Polícia Federal e pelo Exército em face de sua condição de índios.

Entretanto, é na relação com comerciantes colombianos – segundo Almeida (ibidem) – que os Ticuna têm experimentado uma grande penetração no mercado, sendo que os primeiros instalaram frigoríficos em Letícia, cidade fronteiriça com Tabatinga, e conseguiram montar um esquema de compra de pescado dos Ticuna e, através do endividamento, mantêm o controle e a dependência dos índios nesse tipo de intercâmbio.

Com respeito à venda de produtos da roça e do artesanato, os Ticuna atualmente se

movem mais livremente, o que os leva – segundo as condições de cada família e o acesso a meios de transporte próprios – às cidades mais próximas das suas comunidades ou a outras mais distantes, conseguindo obter melhores preços. O comércio de fronteira, do qual os índios são participantes, comporta-se de acordo com as flutuações do real, do soles (peruanos) e dos pesos (colombianos).

Os Ticuna vendem seus produtos (da roça, da pesca e do artesanato) tanto nas feiras organizadas pela Prefeitura, como no mercado informal em torno dos portos e nas lojas existentes nas cidades.⁸

Em geral, a cena da chegada de canoas cheias de gente, trazendo paneiros de farinha, cachos de banana e outros frutos, e a cena de volta, já livres desses produtos, porém com sacolas de compras de supermercado, tornarão a se repetir.

É importante destacar que estas cidades não se constituem como pólos significativos de atração de emprego para a população indígena. Não há fontes importantes de trabalho, apenas existem algumas serrarias e olarias onde alguns Ticuna se empregam, enquanto outros trabalham nas roças de moradores da cidade que possuem terras na periferia.⁹ As cidades proporcionam principalmente cargos na administração pública, os quais são muito desejados e disputados pelos Ticuna, de forma particular em órgãos voltados para a assistência indígena, como a Administração Regional da FUNAI, o Distrito Especial Indígena do Alto Solimões (DSEIAS), as prefeituras, e elas também apresentam a oportunidade de ocupação de cargos políticos, como o de vereador nas Câmaras Municipais.¹⁰

1.3. A cidade como centro de educação escolar

Em termos educativos, todas as cidades do Alto Solimões oferecem Ensino Fundamental completo e Ensino Médio e há ofertas de cursos supletivos e de Educação de Jovens e Adultos (EJA). As escolas de Ensino Fundamental fazem parte dos municípios e as escolas de Ensino Médio pertencem ao estado do Amazonas. Não existem escolas privadas de

⁸ Weber (1979) define cidade no sentido econômico “quando a população local satisfaz uma parte economicamente essencial de sua demanda diária no mercado local e, outra parte essencial também, mediante produtos que os habitantes da localidade e a povoação dos arredores produzem ou adquirem para colocá-los no mercado. Toda cidade, no sentido que aqui damos a essa palavra, é um ‘local de mercado’, quer dizer, conta como centro econômico do estabelecimento com um mercado local e no qual, em virtude de uma especialização permanente da produção econômica, também a população não-urbana se abastece de produtos industriais ou de artigos de comércio ou de ambos e, como é natural, os habitantes da cidade trocam os produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades” (p.69-70). Segundo as categorias de cidade diferenciadas por este autor, as cidades da região do Alto Solimões poderiam ser pensadas como *cidades mercantis*.

⁹ Essas atividades, contudo, não foram as que impulsionaram a migração para a cidade. Geralmente os que trabalham nas roças de moradores da cidade ou nas serrarias são jovens que se deslocaram das suas aldeias por outras motivações, por exemplo, continuar sua escolarização, e para garantirem sua alimentação, precisam do emprego, ou parentes destes que se trasladaram para acompanhá-los enquanto estão estudando.

¹⁰ No período em que realizei meu trabalho de campo, havia 13 vereadores ticuna na região do Alto Solimões.

Ensino Médio em nenhum dos municípios do Alto Solimões, apenas de Ensino Fundamental nas cidades de Tabatinga e Benjamin Constant. Com respeito ao Ensino Superior, em Tabatinga há um campus da UEA (Universidade Estadual do Amazonas) onde há os cursos de letras, geografia, biologia, matemáticas e educação física (cursos de caráter regular e outros de tipo seqüencial, durante as férias); em Benjamin Constant existe um campus da UFAM (Universidade Federal do Amazonas), que oferecia até 2004 somente cursos de caráter modular, visando formar professores da rede pública em nível superior durante as suas férias. Em São Paulo de Olivença e Santo Antônio de Içá, há somente um curso superior em pedagogia (normal superior) destinado a professores de Ensino Fundamental.

O deslocamento de um segmento da população Ticuna para a cidade com fins de estudo aponta para duas direções. Por um lado, está relacionado ao engajamento nas organizações indígenas e na construção de um projeto que se apresenta segundo a retórica da autonomia. Pessoas vinculadas às organizações indígenas comumente comentam que se eles aprenderam *na prática* certos códigos, condutas e estratégias de ação, seus filhos deverão estar preparados, mais do que eles, para os *tempos modernos* e para lidar com novas tecnologias, como informática e internet, adquirindo as habilidades necessárias para administrar *projetos*. Por outro lado, a aspiração pelo estudo aponta para a adesão a ideologias religiosas, como as vinculadas à religião da Santa Cruz (movimento salvacionista) e às religiões evangélicas, sendo que para estas se apresenta como um valor positivo que possibilita o domínio da Bíblia, altamente significativa para ambas, como um sinal diacrítico da sua condição *cristã* e *civilizada*. Ambas as orientações coexistem e, embora sustentadas por ideologias e valores diferentes, não são incompatíveis.

1. 4. A cidade e a procura pela assistência à saúde

As cidades oferecem acesso à saúde para a população em geral (através de hospital público e postos de saúde), e para a população indígena nelas se encontram também as sedes dos pólos do DSEIAS (um pólo por município).

O tratamento da saúde não se circunscreve apenas ao sistema público de saúde. Os Ticuna consultam curandeiros ou pajés que moram na cidade, tanto Ticuna ou de outros grupos indígenas, quanto não-indígenas (“rezadores”, “macumbeiros” e curandeiros que trabalham com ayahuasca, entre outros). Chaumeil relata sobre um chamanismo de fronteira praticado especialmente pela população Cocama e Yagua, bem reputado e utilizado também pela população regional não-indígena e Ticuna (2000, p.64).

1.5. A cidade como centro de lazer

É importante a consideração da cidade como centro de lazer. Acredito que seja uma das principais motivações para os Ticuna freqüentarem esse espaço, além do comércio e da escola. Todas as cidades possuem barzinhos, que se constituem na maior distração, um lugar de encontro e sempre com música – dos vários gêneros que se escutam no Brasil e nos países de fronteira, às vezes ao vivo – e onde se improvisam bailes. A população Ticuna que mora nas cidades apropria-se de vários espaços para se divertir: danceterias, praça, sorveteria, lugares de banho e centros para a prática de atividades esportivas. Chamou-me a atenção como sobretudo os jovens sempre estavam informados dos eventos que aconteciam na cidade (shows, torneios, festas), pelo fato de escutarem uma rádio local e também por uma cadeia de informações que se faz entre eles, amigos e colegas não-Ticuna.

Mas não apenas a população Ticuna que mora na cidade utiliza esse lugar como meio de diversão: pessoas das comunidades próximas deslocam-se com freqüência, sobretudo nos finais de semana, para beber (e assim fugir do controle das igrejas que existem nas aldeias e que proíbem o consumo de álcool), dançar, ou ir ao encontro de amigos e namorados. Também é comum que rapazes que estão em trânsito entre sua aldeia e uma outra que pretendem visitar passem uma noite em uma cidade próxima não apenas para descansar, mas para passear pelo centro e assistir a festas e bailes. Durante eventos especiais como, por exemplo, a Festa do Boi em Benjamim Constant ou a festa de aniversário da cidade de São Paulo de Olivença, acorrem especialmente rapazes e moças provindos de diversas aldeias e atraídos pela curiosidade. Nessas ocasiões, segundo me foi relatado, alguns “fogem” da família; dando a entender com esta atitude que estão indo embora da aldeia sem avisar, mas voltam uns dias depois, após o fim dos eventos.¹¹

Contudo, não só os jovens freqüentam a cidade com fins de lazer, e é cotidiano ver a uma família inteira passear, beber e dançar juntos).¹²

Os espaços que os Ticuna freqüentam na cidade não são separados dos não-indígenas. Pelo contrário, escolhem os lugares mais movimentados. Contudo, dificilmente interagem com a população citadina. Rapazes e moças ticuna mostram preferência nas suas condutas por sair e interagir com seus irmãos e primos (preferencialmente do mesmo sexo, tanto por parte da mãe como do pai) e só os estudantes que têm sua família longe saem com colegas (do mesmo sexo) que não sejam seus parentes, mas geralmente são da mesma comunidade de

¹¹ Os relatos que escutei acerca de “fugidas” de rapazes e moças de suas aldeias para irem passear na cidade sempre circularam em forma de fofoca, e muitas vezes em tom de crítica em relação aos pais, pelo fato de deixá-los “muito largados”.

¹² É importante destacar o caráter social que adquire a bebida, já que nunca se bebe sozinho. É comum a pessoa receber salário e convidar “os colegas”, pagando para todos: geralmente parentes de uma faixa etária parecida: primos, tios ou sobrinhos, mas com pouca diferença de idade.

origem.

Outra possibilidade de recreação durante os finais de semana para os Ticuna que vivem na cidade, sobretudo funcionários, lideranças de organizações e estudantes, é ir às suas aldeias ou, quando estão muito distantes, visitar as que ficam mais próximas, onde têm parentes e conhecidos. Também se trasladam para outras aldeias por ocasião das “festas” que nelas acontecem.¹³

Existe, portanto, um setor da população Ticuna que se desloca e se apropria de forma ocasional de distintos serviços existentes na cidade (comércio, assistência social, saúde, lazer), enquanto há um outro que o faz de forma mais permanente, porque trabalha ou estuda nesse espaço há vários anos.

Até aqui traçamos um quadro geral das vinculações dos Ticuna com os centros urbanos do Alto Solimões. Contudo cabe destacar as diferentes motivações e valores que orientam as escolhas e ações realizadas na cidade, assim como o tipo de relação que estabelecem com os moradores não-indígenas, especialmente com os “patrões”.

2. Representações sobre a cidade e identidades em jogo

Entre as pessoas que conheci havia múltiplas visões da cidade segundo as experiências que tinham e os referenciais que utilizavam. Para alguns, a cidade é um lugar “perigoso”, onde temem o “trânsito” ou sofrer um “assalto”, ou “estragar pela bebida”. Existe um padrão narrativo que vincula o envolvimento com drogas e álcool ao contato com os “não-indígenas”, que decorreria do “convite” de freqüentar festas, e da aceitação que vem da “curiosidade”, de “querer experimentar” e pela vontade de “imitar”. Assim, o período transcorrido na cidade propiciaria situações e oportunidades de consumo, e de corrupção de condutas tidas como apropriadas.

Para outros, a convivência no espaço urbano é representada como uma instancia de aprendizagem de conhecimentos, atitudes e valores apreciados, sobretudo a possibilidade de dominar melhor o português, pelo trato cotidiano com não-indígenas. Entre os jovens ticuna que conheci existe uma grande curiosidade por visitar as cidades e viver nelas. Mesmo quando não conseguem concluir seus estudos e, portanto, não podem obter o diploma que

¹³ Os Ticuna referem-se a “festas” tanto para indicar o ritual de iniciação feminina (“festa da moça nova” ou “worecü), quanto as cerimônias religiosas (relacionadas a datas comemorativas de fundação da Igreja da Cruz, da Igreja Batista, da Igreja Evangélica etc.), ou outras que envolvem bailes com música regional da moda. Os Ticuna participam dessas festas só se receberem “convite” dos “donos” das mesmas. A participação nesses eventos é valorizada positivamente, embora não se compartilhe a religião ou a crença que os motiva. São ocasiões de fortalecimento dos laços de parentesco e entre membros do mesmo clã, de ingestão de bebidas fermentadas e de oportunidade de escolha matrimonial entre os participantes.

tanto desejavam, o fato de terem tido a possibilidade de morar em outros lugares e aprender coisas distintas já é avaliado positivamente. Esta grande curiosidade também se reflete atualmente na aspiração de muitos deles de ocuparem cargos ou trabalhos que lhes permitam viajar e conhecer cidades distantes. Nesse sentido, a participação em organizações indígenas, para além de posicionamentos políticos e militantes, transforma-se em uma possibilidade de concretizar esse desejo.

Também a moradia no espaço urbano é valorizada por permitir o afastamento de conflitos de parentesco e faccionais que acontecem nas aldeias. Assim, ouvem-se discursos, referidos à decisão de morar na cidade, que aludem ao medo à “inveja”, à presença de “pajés perigosos” e à existência de “galeras”¹⁴, enfatizando que estão mais expostos à violência em algumas aldeias do que na cidade.

Essas diferentes representações e discursos se sustentam nas trajetórias familiares e nas histórias de contato particulares e diversas entre a população ticuna. Por exemplo, Cardoso de Oliveira, se referindo à dominação da empresa seringalista nas primeiras décadas do século XX, dava conta de que alguns segmentos na busca por escaparem do controle e da sujeição dos patrões se ocultavam na floresta, enquanto outros, optaram por descer dos igarapés onde moravam e por fixar moradia na beira do rio Solimões, próximos aos centros urbanos da região, lugares mais acessíveis para venderem seus produtos e fugirem do monopólio comercial imposto pelo “barração”. Alguns se instalaram diretamente nesses centros, sobretudo em Benjamim Constant, Santa Rita do Weil, Tabatinga e Letícia, na Colômbia. Na cidade de Tabatinga, em 1946, congregaram-se algumas famílias ticuna atraídas pela assistência do Posto Indígena Ticuna (PIT), criado em 1942, mas que a partir da atuação do chefe de posto conhecido como “Manuelão”, adquiriu visibilidade e importância para um grande número da população indígena. Também em Santa Rita do Weil, Cardoso de Oliveira (1964, p.59) encontrou, no levantamento realizado por ele em 1959, 80 homens e 57 mulheres ticuna vivendo em três aglomerados; dois deles – norte e sul – vinculados a patrões alemães; o terceiro localizado próximo à uma missão protestante (“Association of Baptists for World Evangelism”), no centro do povoado. Este último constituiu-se, a partir de 1957, devido a um movimento migratório de população Ticuna provinda do rio Jacurapá, atraída pela missão. Esses habitantes trabalhavam, na época, em sua maioria, com o comércio e a produção de tipo doméstico, da mesma forma que os Ticuna que moravam no PIT (id. p.59).

¹⁴ Utiliza-se este termo para designar grupo de rapazes próximos entre si, por relações de camaradagem e parentesco, que juntos desenvolvem práticas violentas e temidas pelo restante da comunidade ou “pelo pessoal que vem de fora” (Ticuna de outras aldeias). As pessoas associam as práticas violentas desses grupos à ingestão de álcool.

É importante destacar que a cidade e sobretudo os bens vinculados a este espaço estão presentes nos relatos míticos dos Ticuna. No que se refere à criação da humanidade, um dos seus heróis culturais – Yoi – quem pescou o povo Magüta (a forma que os Ticuna se autodenominam) – do rio Solimões com uma isca de macaxeira, viaja para o Sul, onde conhece, adquire e traz todos os bens dos “brancos”, principalmente os de metal como o ouro, a espingarda, o terçado etc.¹⁵

Também um dos movimentos messiânicos que atravessaram os Ticuna no século XX, registrado por Silvio Coelho dos Santos e narrado por Vinhaz de Queiroz (1963, p.51-52), acontecido de 1956 a 1960, na região de Assacaio, teve como elemento agregador um xamã de nome Ciríaco, que incentivou os índios a se reunirem e a construírem uma cidade na selva. Ele disse haver próximo desse local uma cidade encantada habitada pelos “üüne” (heróis culturais, considerados imortais pelos Ticuna), os quais viriam auxiliá-los na tarefa de construção de uma cidade. Esse movimento foi violentamente reprimido pelo genro do patrão dessas glebas. Como assinala Oliveira Filho (1977, p.77), as buscas que orientaram os movimentos messiânicos registrados entre os Ticuna no século XX variaram da terra de origem do Yoi, no Alto do Igarapé de São Jerônimo, até a cidade criada na selva por Ciríaco, expressa nas imagens que os índios tinham dela: ruas, estradas, postes de iluminação etc. O autor não vê uma contradição entre esses diferentes movimentos messiânicos, já que todos eles estão orientados pela busca de um espaço de salvação e de uma vida justa e plena de fartura.

As diferentes histórias de contato e a maior ou menor familiaridade que os Ticuna têm com a cidade se reflete nas diferentes formas de estar nesse espaço. Andando pelas ruas, pode-se reconhecer ticuna com identidades distintas, expressas em diacríticos que vão desde o aspecto físico, as disposições e as posturas corporais, até a vestimenta e o jeito de falar. Os moradores citadinos (não-índios) distinguem “os Ticuna que moram faz muito tempo na cidade” dos que “chegaram recentemente” e chamam a atenção para a pouca familiaridade dos segundos com os códigos da cidade, o fato de permanecerem fechados e não se entrosarem com a vizinhança e quase não participarem dos eventos sociais locais, além de se vestirem de uma forma mais simples que os primeiros. As pessoas “das comunidades” (ou Ticuna agricultores, que não são funcionários nem lideranças, sobretudo, adultos e idosos) são reconhecidas por usarem uma vestimenta mais simples que a dos moradores da cidade, por andarem de chinelos e se enfeitarem com colares de sementes, além de terem uma maneira

¹⁵ Vide relatos do mito de origem do povo Ticuna em Nimuendaju (1952), Oliveira Filho (1988), Goulard (1996), Faulhaber (2000), Garcés (2000).

distinta de movimentar o corpo, de caminhar e de sentar. Os que levam uma cruz de madeira pendurada no pescoço são reconhecidos como “os cruzados”: adeptos da Irmandade da Santa Cruz. Antes caracterizava-os também o uniforme branco, porém este caiu em desuso e a cruz permanece como sinal principal da sua condição.

Os estudantes ticuna – apesar de em sua maioria utilizarem penteados e roupas à moda da população urbana regional – são distinguidos e identificados como “pessoal da comunidade” pelo seu jeito de falar: o sotaque e a troca de gênero das palavras. São reconhecidos por essa característica, embora se diferenciem pouco dos regionais não-indígenas quanto ao aspecto físico e à vestimenta.

Apesar de que para muitos o escasso domínio do português vira uma barreira na comunicação com a população não-indígena, observei, porém, que os Ticuna tentam tanto quanto possível construir relações pessoais na cidade e fazer novos conhecidos. Por exemplo, estabelecem relações de patronagem e compadrio com alguns comerciantes, comprando e abrindo conta na loja deles durante anos, se não se produzir nenhum conflito importante. As relações de empréstimo e endividamento são muito comuns e lembram o regime do barracão, embora sem o componente de coerção e violência física que existia então. A relação atual, embora assimétrica, não se circunscreve apenas ao intercâmbio econômico, existindo a expectativa de construção de outro tipo de laços, que não temos espaço para desenvolver aqui.

Assim, encontramos nas observações etnográficas realizadas ao longo da pesquisa os três tipos de relações sociais urbanas delineadas por Mitchell (1966, p.51): estruturais (segundo o tipo de ocupação), categoriais (referida à etnicidade) e pessoais.¹⁶

Reflexões Finais

A forma de vida atual dos Ticuna depende amplamente do contato freqüente com os centros urbanos: para fins de comércio, de obtenção de benefícios sociais, como aposentadoria, bolsa-escola, cartão-cidadão e assistência médica, mas também para se apropriarem dos espaços de lazer e diversão existentes.

Desse modo, existe uma maneira fluida de viver e há um deslocamento de mão dupla entre a aldeia e a cidade. Os índios valem-se, segundo o espaço, de distintos recursos e papéis

¹⁶ O autor entrecruza duas dimensões para estes tipos ideais de relações sociais urbanas que na prática se confundem ou representam apenas um aspecto da relação; são eles: informação pessoal (que se tem do outro) e controle normativo. A primeira dimensão varia de um absoluto anonimato até uma total intimidade em que se conhece tudo sobre a outra pessoa. Uma relação categorial afasta-se do pólo do completo anonimato, já que pelo menos certa informação existe para situar o “outro” numa categoria específica (embora seja superficialmente concebida). A outra dimensão – grau de controle normativo – refere-se à influência maior ou menor de normas públicas compartilhadas majoritariamente por todos e que não requerem muita renegociação entre os participantes particulares. Uma relação estrutural é estreitamente regulada por normas.

que devem ser entendidos de acordo com cada situação e não apenas como estados fixos e irreversíveis. Assim, não se constata um processo parecido com aquele que Cardoso de Oliveira (1968) se referiu aos Terena, que representam a migração e a vida na cidade como uma separação radical da “velha vida” (em aldeia) e em que várias gerações já vêm morando na cidade. No caso dos Ticuna, a geração das lideranças que formou as primeiras organizações ticuna e que conduziu a luta pela demarcação de terras foi aquela que primeiro veio morar permanentemente nos centros urbanos da região (em geral, no final dos anos 80, começo dos 90). São pessoas que têm hoje entre 45 e 60 anos e apenas alguns de seus filhos mais novos nasceram na cidade. A grande maioria restante apenas mora ali temporariamente, como os estudantes, ou a freqüenta transitoriamente, como já mencionamos, por causa do comércio, do acesso a serviços de saúde, a benefícios sociais ou pelo lazer.

O que me interessa destacar aqui é que, segundo apareceu nas representações e nos discursos dos Ticuna com quem tive contato, não importa onde se more, que trabalho seja desempenhado ou que acesso à tecnologia moderna se possua, pois tais fatores não definirão a identidade das pessoas. Os conteúdos culturais utilizados para identificar uma pessoa como parte de seu grupo são: o critério lingüístico (“falar a língua” ou “gíria”), pertencer a um clã e se casar de acordo com a divisão dos clãs em metades.

Portanto, longe de aceitarmos o processo de saída das aldeias como fator de aculturação ou destribalização, entendemos de acordo com Barth:

[...] ethnic distinctions do not depend on an absence of social interaction and acceptance, but are quite to the contrary often the very foundations on which embracing social systems are built. Interaction in such a social system does not lead to its liquidation through change and acculturation; cultural differences can persist despite inter-ethnic contact and interdependence (Barth, 1969, p.10).

Bibliografia

Almeida, F. Vaz de. 1996. **Desenvolvimento sustentado entre os Ticuna: as escolhas e os rumos de um projeto**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA.

_____. 2000. “Agências de contato e desenvolvimento sustentável entre os Ticuna”. Em: **Os Ticuna hoje**. Manaus. Editora da Universidade de Amazonas.

Barth, F. 1969. **Ethnic groups and boundaries: the social organization of cultural difference**. London. George Allen & Unwin.

_____. 1989. “The analysis of culture in complex societies”. **Ethnos** 54 (3/4): 120-142.

Becker, Berta K. 1990. **Amazônia**. São Paulo: Atica.

Cardoso de Oliveira, Roberto. 1964. **O Índio e o mundo dos brancos. A situação dos Tukuna do Alto Solimões**. São Paulo: DIFEL.

_____ 1968. **Urbanização e tribalismo**. Rio de Janeiro: Zahar.

Chaumeil Jean-Pierre. 1992. **De Loreto à Tabatinga ». L'Homme**. 122-124, avr.-déc. XXXII (2-3-4), pp. 355-375.

_____ 2000. "Par delà trois frontières, l'espace central du Trapèze amazonien (Pérou, Colombie, Brésil)". Autrepart (14). Pp.53-70.

Erthal, Regina M. de C. 1999. "Feitiço, doença e morte: o conflito impresso no corpo Ticuna". Em: **Os Ticuna hoje**. Manaus. Editora da Universidade de Amazonas.

Faulhaber, P. 1993. **O lago dos espelhos: um estudo antropológico das concepções de fronteira a partir do movimento dos índios em Tefé-Amazonas**.

Garcés, Claudia L. 2000. "Las organizaciones políticas supralocales de los Ticuna: encuentros y desencuentros en la región de fronteras entre Brasil, Colombia y Peru". Em: **Arquivos do Museo Nacional**. V. LXI, n. 2. Rio de Janeiro. P. 71-80.

Goulard, J. P. 1994. "Los Ticuna". Em: Barclay; Santos (eds.): **Guia etnográfica de la Alta Amazonia**. Quito-FLACSO.

Mitchell MITCHELL, J. C. 1966. "The concept and use of social networks". In: _____ (ed.) **Social networks in urban situations**. Oliver & Boyd. p. 1-50.

Nimuendaju K. 1948. "The tukuna". In: Steward, Julian H. ed. **Handbook of the South American Indians**. V. 3, pgs. 713-25.

_____ 1952. **The Tukuna**. American Archeology. Berkeley: Los Angeles

_____ 1982 [1929]. "Os índios tukuna". Dados fornecidos a Inspetoria do SPI no Amazonas e Acre. Archivo da Inspetoria. Manaus. Publicado no **Boletim do Museu do Índio**. Rio de Janeiro 7: 1-69.

Oliveira Filho, João P. 1977. **As facções e a ordem política em uma reserva tukuna**. Diss. de mestrado em Antropologia Social Brasília: UNB.

_____ 1988. **"O nosso Governo": os Ticuna e o regime tutelar**. São Paulo: Marco Zero, 1988.

Vinhaz de Queiroz, M. 1963 Cargo cult na Amazônia: Observações sobre o milenarismo Tukuna. **América Latina**. 6(4):43-61.

Weber 1979 WEBER, Max. 1979. **Economía y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica.